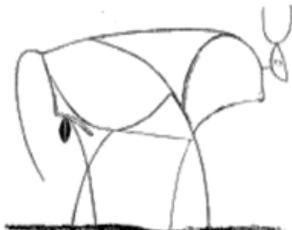
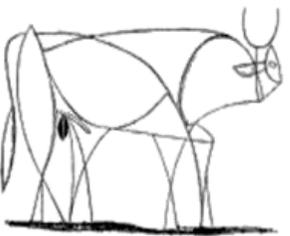
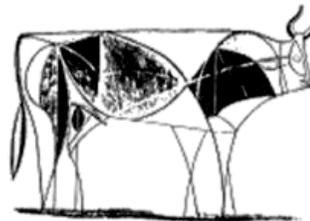
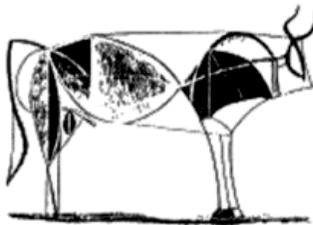
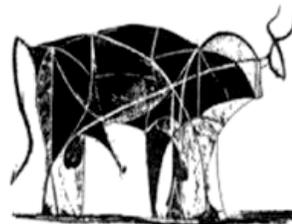
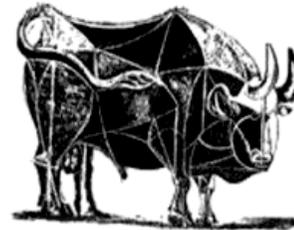
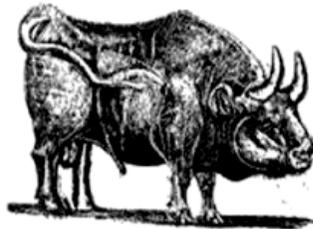
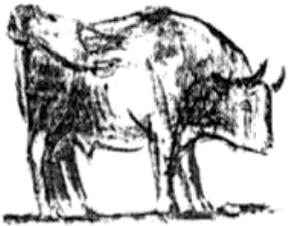


Desfiguração em Arte Visual I.



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.1 n.3 outubro 2020

Periodicidade: quinzenal

Capa: Touros, Pablo Picasso.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

PRÓLOGO

A ideia de Desfiguração remete a algo Deformado, palavras que definem o que foge à aparência natural ou convencional de base naturalista. Durante muitos anos a Arte Visual operou uma relação de proximidade entre imagem da natureza ou “realidade” na tentativa de imitar, copiar, reproduzir o visível de modo “idêntico” ou, pelo menos, aproximado no intuito de induzir à ilusão de que ver uma imagem seria como se a natureza ali estivesse representada. Esta conduta foi muito tempo a base da Arte Figurativa.

Contudo, com o advento da Modernidade, um processo de transformação das manifestações artísticas que ocorreu entre fins do século XIX e meados do século XX, a tendência imitativa de base tradicional, acadêmica e naturalista foi reduzida e quase abolida, sendo substituída por modos mais livres, autorais e adensados nos quais as imagens não se aproximavam necessariamente do visível reconhecível e dele se afastaram ou simplesmente o ignoraram dada a índole ou interesse dos artistas ou dos movimentos dos quais participavam, assim surge a Arte dita *Não Figurativa* e depois *Abstrata*.

Nos últimos anos do século XIX o Impressionismo francês abandona, em parte, a imitação literal da visualidade na medida em que valorizava a “impressão” o efeito luminoso, a atmosfera e as transformações da luz sob diferentes momentos, circunstâncias, horário, clima e estações do ano. A imagem não estava mais presente na tela, mas sim as variações cromáticas e luminosas tomadas do ambiente que, por sua vez, iriam reconstruir, na retina do observador, a imagem na qual se inspiraram. Nesse sentido a imagem era a mediadora entre a luz ambiente e o observador que “reconstruía” a imagem.

De modo geral o efeito atmosférico não traduzia *ipsis literis* o modo como se representava o mundo visível até então, logo, o Impressionismo foi tomado como uma perda de qualidade para a pintura do século XIX. Mesmo que ainda respeitasse a estrutura formal e luminosa do ambiente.

Mas a “desfiguração” não fica por aí, outro movimento irá destituir completamente a relação visível entre o mundo natural que se conhece e o mundo da Arte: O *Expressionismo*. É ele que vai assumir, de fato, a deformação e desfigurar completamente a imagem. As pessoas não vão mais se parecer exatamente com as pessoas e as coisas também não...



À direita temos a pintura: A intervenção das Sabinas de Jacques-Louis David, de 1797. David foi um dos pintores mais representativos do Neoclassicismo francês. A imagem está configurada na tela em todas suas nuances, estrutura gráfica e pictórica. As imagens são representadas de modo naturalista e seguindo a efeméride conforme narrada na historiografia romana.

À esquerda temos a pintura: San Giorgio ao entardecer, em Veneza, em 1908, de Claude Monet, um dos criadores do Impressionismo. A pintura não mostra contornos nítidos nem a estrutura gráfica da imagem, mas sim a profusão cromática que faz com que o observador reconstrua a imagem no seu olhar. A solução não está dada de antemão mas deve surgir da interação entre a Obra e o observador. Uma atitude proativa e não passiva, uma mudança e tanto na criação artística pictórica...

Contudo a questão do afastamento da visualidade do mundo não é, necessariamente, uma questão de “qualidade” técnica ou estética, mas sim uma posição da Arte diante do mundo, do seu lugar e do seu tempo.

Basta olhar para o passado, especialmente, para o período de quase dez séculos que durou a Idade Média, é possível verificar que as imagens produzidas naquele contexto social não correspondiam ao visível mimético como havia propugnado a Arte greco-romana, naquele passado recente. As manifestações imagéticas daquele período não são naturalistas e se parecem com as do Expressionismo.

Bem, o que se pode dizer: os artistas “desaprenderam” as lições dos gregos e romanos ou deixaram de lado a “compulsão” mimética?

Para ser simples e direto basta entender que a necessidade de “representar” as figuras de acordo com sua aparência naturalista deixou de ser uma postura conceitual ou estética nesse período, para eles bastava que tais figuras se referissem aos valores simbólicos, conceitos, ideias e narrativas que pretendiam informar, mesmo que sua relação com a anatomia, proporções e demais referenciais do mundo não se assemelhassem ao que viam no entorno.

Pode-se dizer que as imagens elaboradas pelos artistas na Idade Média buscavam mais a “*afetividade*” do que a “*efetividade*”, ou seja, era mais importante dar vazão à espiritualidade do que a objetividade do mundo natural, mesmo porque naquele período o mais importante era a religiosidade, a crença teocêntrica e não as questões mundanas que eram rechaçadas das representações religiosas.

O papa Gregório Magno propunha que a função das imagens nos templos deviam instruir, informar aos fiéis a vida divina, dos mártires e santos e, para isto, aquelas imagens bastavam.

Evocar a emotividade ou a racionalidade é uma questão de caráter formal, estético e conceitual que diz respeito ao tempo e ao lugar onde e com que fim as imagens são realizadas, independente de fazerem parte da Arte Visual ou não.

A questão do naturalismo ou do não naturalismo, da figuração ou não figuração decorre de fatores externos (socioculturais) ou internos (personalidade artística), mas não são referenciais de “qualidade”. Copiar ou reproduzir bem ou mal o visível não é garantia de boa ou má Arte, mas sim uma questão de sincronismo ou vigência da Arte com seu tempo.



Ao comparar uma imagem produzida no período anterior, no Império Romano, com uma da Idade Média, do séc. XIII, vê-se que há diferenças substanciais entre os modos de representação visual. A Romana busca o efeito de naturalismo como recurso visual e a Medieval o efeito narrativo e expressivo. Tais variações são muito semelhantes àquelas que diferenciam as imagens do Neoclássico das do Modernismo. Portanto, a Desfiguração não é uma incompetência técnica ou estética, mas estratégia propositiva ou discursiva. Figurar e Desfigurar apresentam dois dos modos de existir da Arte Visual.

A Arte Desfigurada.

A “*desfiguração*”, nesse caso, se refere ao afastamento da representação naturalista que a Arte tradicional evocava e defendia em comparação aos novos modos de manifestação que a Arte Visual adota a partir do Modernismo, em especial ao que se chamou *Expressionismo* na História da Arte, uma das primeiras manifestações Modernas que se afasta do mimetismo, da imitação e da representação da visualidade referenciada ao mundo natural como o conhecemos. A partir daí esta atitude se manifesta de modo explícito e recorrente.

Isto não significa (de novo) que os artistas “desaprenderam” a desenhar, pintar, esculpir, gravar ou que tiveram problemas de ordem psicomotora deixando-os incapazes de executar suas obras da maneira como eram realizadas até o século XIX. Significa apenas que resolveram deixar de lado os modos canônicos e delimitados pelos processos e procedimentos Neoclássicos vinculados à tradição clássica optando por dar vazão às suas próprias proposições, autonomia e criatividade, deixando de lado as regras, processos e gostos vigentes à sua época.

O *Expressionismo* não nasce com este nome, mas surge da constatação decorrente das manifestações artísticas que surgiram e foram se configurando como uma tendência, adotando condutas programáticas nas quais se tornou possível identificar semelhanças entre artistas diferentes, ou seja, constantes e variáveis... Quem batiza o Expressionismo é o crítico e galerista alemão Herwarth Walden, editor da revista "*Der Sturm*", de Berlin, ele aplica genericamente o termo *Expressionismo* às diversas obras produzidas entre 1910 e 1920, especialmente na Alemanha, sem distinções conceituais.

Assim a ideia de *Expressionismo* entra na História da Arte.

Obviamente o fenômeno *Expressionista*, não se restringe à Alemanha, manifesta-se também em outros países da Europa e no mundo afora em períodos semelhantes e até hoje é possível reconhecer sua influência e permanência como uma estratégia discursiva no contexto da expressão artística.

Sua principal característica é o afastamento da representação direta e imitativa da visualidade do mundo natural. Altera, modifica, deforma, desfigura as imagens de acordo com as proposições do autor.

Portanto o sentido dado aqui à *desfiguração* se refere à *Fuga da Figuração*, ou seja, ao afastamento do comportamento anacrônico de comparar as imagens produzidas pelos artistas àquelas que vemos ou reconhecemos no mundo natural e que, por tradição, era hábito copiar. Quando essa relação de identidade se rompe, incomoda os mais conservadores que dizem: Isso não está certo...

Entretanto, ninguém têm o “poder” ou “direito” de dizer o que é correto ou não quando se trata da Arte, pois há um percurso histórico pregresso já consolidado que justifica a produção artística como um processo contínuo de transformação.

O advento do Modernismo alterou os modos de pensar e fazer Arte, por isso, os conflitos e confrontos entre o antigo e o novo surgiram como resultado da quebra de parâmetros e dos modelos e modos anteriores de fazer Arte.

Pode-se dizer que o Expressionismo é uma das primeiras tendências a adotar isso como postura coletiva, pois é comum encontrarmos outros artistas anteriores ou posteriores que operam segundo tais características. A questão é que a partir dele a Arte Visual assume esta tendência como Movimento.

Isso também aconteceu com o Fauvismo na França.

Um dos pontos motivadores dessa mudança de atitude foi a insatisfação com o Impressionismo que, para muitos, parecia excessivamente técnico, racional e pouco emocional. Outro ponto é que o Modernismo abriu a possibilidade de alterar, opor, contrapor, dialogar, negar, expandir, transformar, investigar e criar novas estratégias sem restrições ou limitações aos cânones do passado. Surgem novos parâmetros para fazer e entender Arte e a busca pela sua autonomia e expansão. O risco de estabelecer parâmetros para delimitar o que é ou não Arte tende ao retrocesso, pois o que se vê agora é diferente do que se viu antes, nesse caso, a influência conservadora tende a prevalecer.

A meu ver, foi o que aconteceu com o Modernismo, pois ao ser comparado com o Neoclássico, parecia haver uma perda de qualidade na produção artística, no entanto o que estava em curso era uma transformação radical de procedimentos estéticos e conceituais e visuais. Ainda hoje, a concepção anacrônica de que a Arte deve ser medida pelo mundo visível e os processos técnico-expressivos racionalizados ainda são usados para qualifica-la. A imitação e reprodução do visível ainda perdura como argumento de amparo às narrativas e descrições ilustradas ou ilustrativas que ainda tentam barrar o desenvolvimento conceitual da Arte na atualidade.

Alguns artistas, desde o final do século XIX, como já disse, se indispunham ao Impressionismo por considera-lo excessivamente técnico. Se olharmos para trás, Van Gogh apresentava características não tão Impressionistas mas faltava um nome para classifica-lo. O mais próximo que se conseguiu ao tentar identificar sua personalidade artística foi com o Simbolismo. Tendência de caráter subjetivo que orientou o trabalho de alguns artistas no final do século XIX. O que se percebe em suas obras é uma personalidade forte que imprime a elas em suas pinceladas a gestualidade e individualidade.



Não se pode dizer que Van Gogh estivesse preocupado em reproduzir uma imagem naturalista do que via, mas sim uma interpretação carregada de sentimento e emoção diante do cenário. A expressividade do gesto e das curvas o colocariam como um precursor do Expressionismo.

A revista “Der Sturm”, A *Tempestade*, foi dedicada à discussão sobre a vanguarda artística na Alemanha, criada em 1910 que durou até 1932 e servia também como base para a galeria de Arte de mesmo nome criada por Walden em 1912. Foi responsável pela divulgação dos movimentos Modernistas alemães, especialmente o *Die Brücke* de Dresden e *Der Blaue Reiter* de Munique apoiados pela revista que consolida o Expressionismo como uma escola, originariamente, Alemã, mas isto não significa que não se manifestasse também em outros países.

Die Brücke, A Ponte, um grupo fundado a 7 de Junho de 1905 por estudantes de arquitetura da Escola Técnica de Dresden: Ernst Ludwig Kirchner(1880-1938), Fritz Bleyl (1880-1966), Erich Heckel (1883-1970) e Karl Schmidt-Rottluff (1884-1976), participam ainda Otto Mueller (1874-1930), Emil Nolde (1867-1956). O grupo dura até 1933.

Der Blaue Reiter, O Cavaleiro Azul. Grupo formado em 1911, composto de artistas russos e alemães cujos principais integrantes foram Wassily Kandinsky (1866-1944), Alexej von Jawlensky (1864-1941), August Macke (1887-1914), Franz Marc (1880-1916), Paul Klee (1879-1940) e Marianne von Werefkin (1860-1938).

Para nos mantermos no contexto do Expressionismo como configurado historicamente, apresento algumas obras dos artistas que participaram dos dois grupos aqui nomeados. Como disse, há muitos outros e muitas outras obras já que o Expressionismo não ficou limitado à Alemanha ou à Europa, mas se expandiu para as Américas, Ásia e demais continentes chegando até o Brasil nas primeiras décadas do século XX.

O modo como as imagens são construídas em relação à gestualidade, às cores e as formas vão caracterizar este estilo ou escola, dando-lhe a personalidade e a afetividade que o definiu.

É importante notar que a preocupação destes artistas não se refere à reprodução ou representação do mundo visível como visto, mas à imposição de seus valores estéticos, às suas obras e à plasticidade que revelam por meio das cores e formas, mesmo que ainda façam referência ao visível não o fazem de modo imitativo, mas de modo pessoal e personalizado, trazendo para a Arte Visual a possibilidade de incorporar a identidade do autor às suas obras por meio da forma e da gestualidade que o definem.

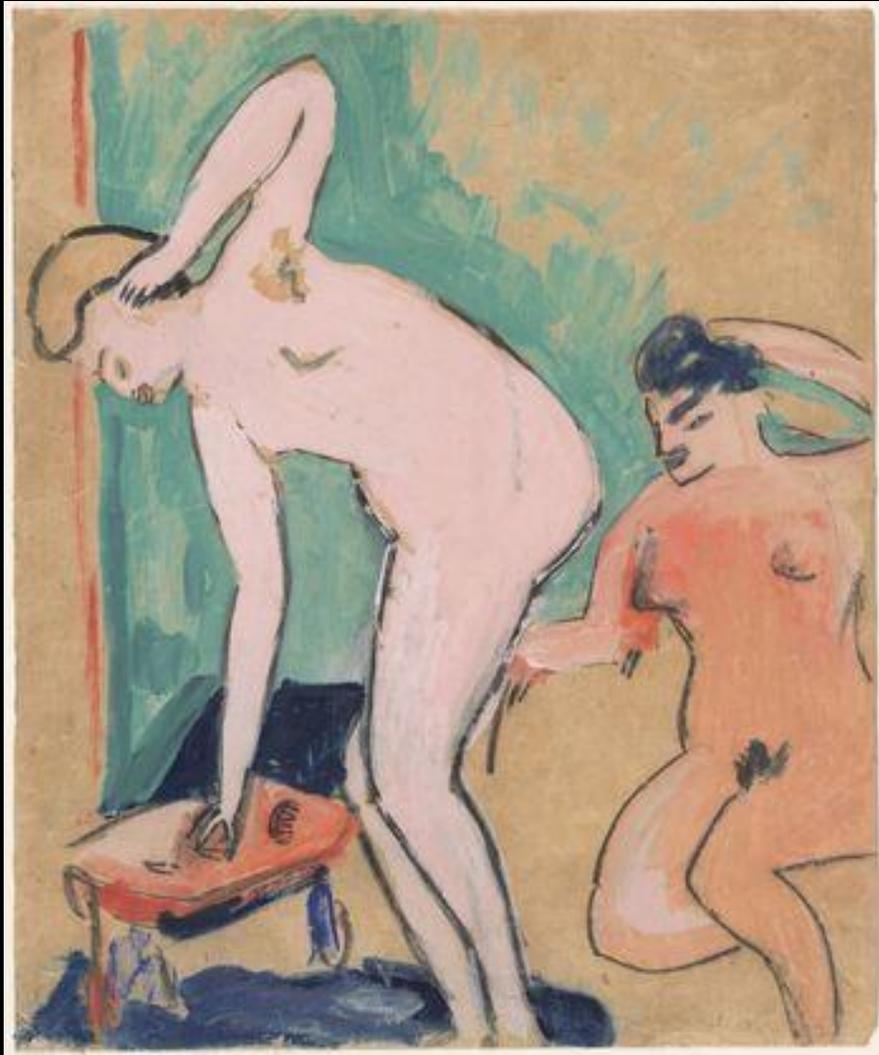
O apanhado de obras aqui mostrado segue os nomes dos participantes dos movimentos acima citados.



Kichner, Mulher descansando com
camisa branca, 1909



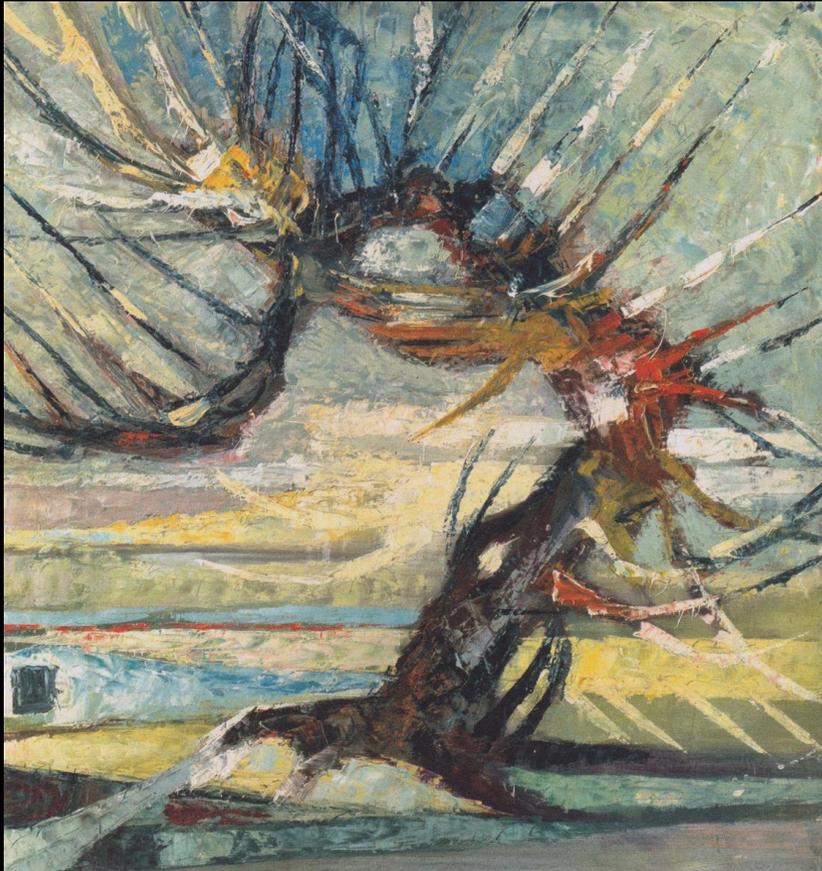
Fritz Bleyl, 1923



Heckel, Duas mulheres nuas, 1910



Karl-Schmidt Rottluff, 1922.



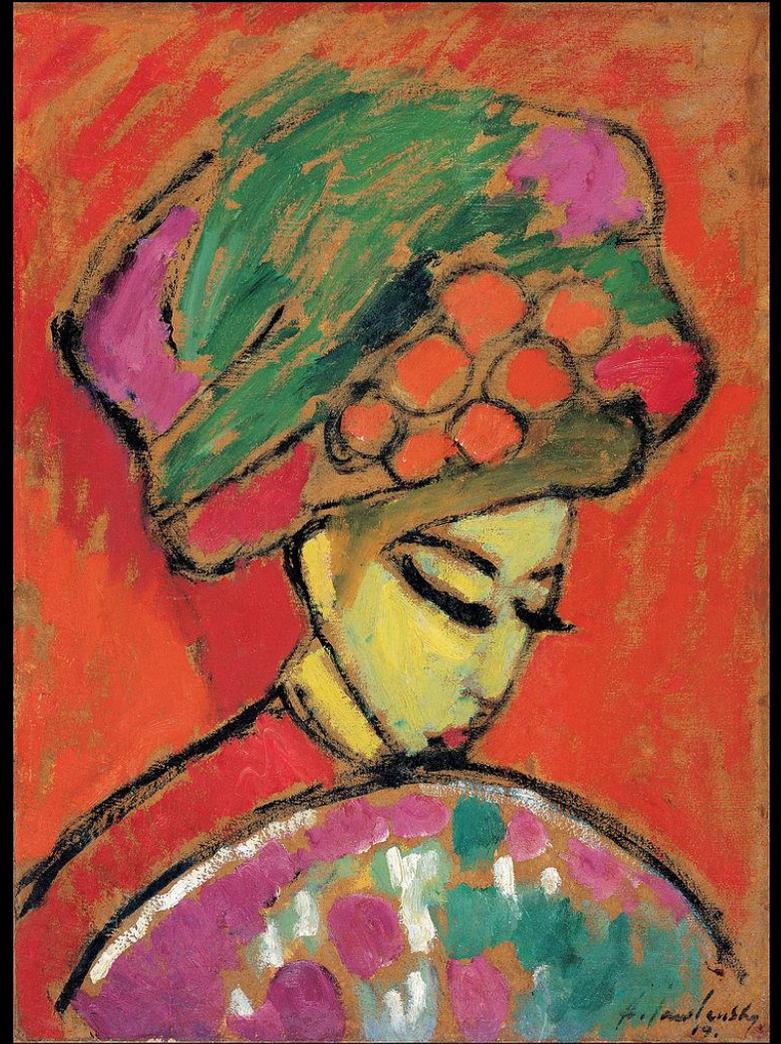
Otto Mueller, 1912



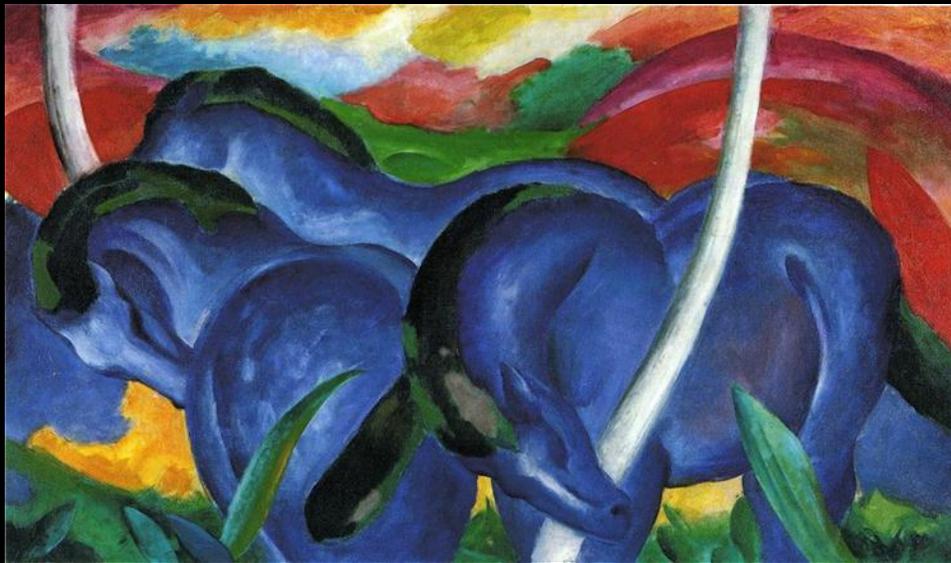
Emil Nolde, 1910.



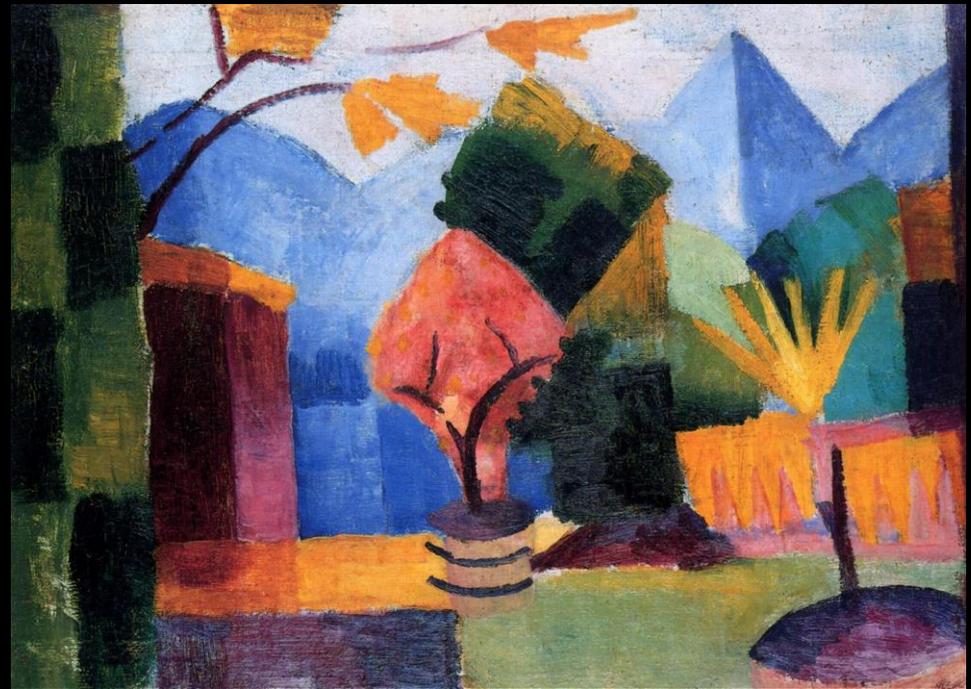
Kandinsky, 1913.



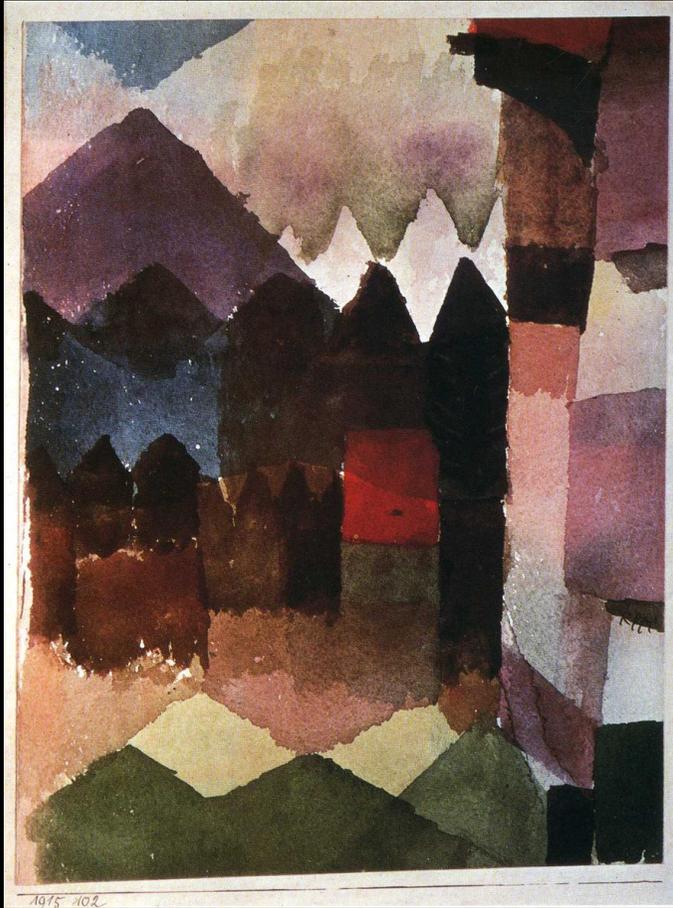
Jawlensky, Jovem com chapéu de flor, 1910.



Franz Marc, Grandes cavalos azuis, 1911.



Auguste Macke, Jardim, 1913

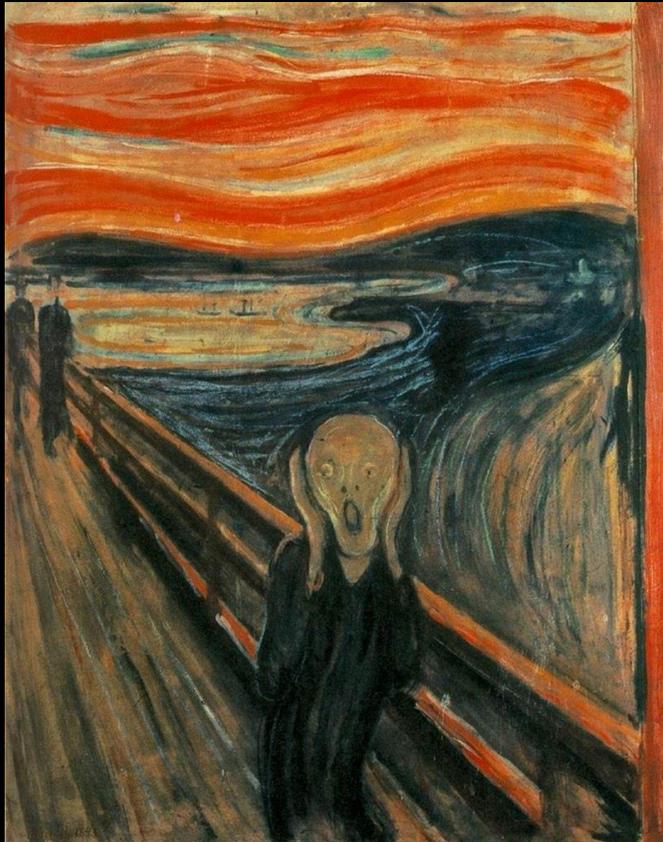


Paul Klee, Jardim, 1915.



Marianne von Werefkin, 1909.

Cabe ressaltar que, pela brevidade deste artigo, muitos artistas significativos não são citados, mas vale a pena lembrar dois nomes emblemáticos: o norueguês Edward Munch (1863-1944), cuja obra mais famosa é *O Grito*, de 1893:



E o belga James Ensor (1860-1949), com a obra *Intriga* de 1890. Ambos podem ser considerados precursores deste Movimento, pois no final do século XIX já manifestavam as tendências Expressionistas, fora da Alemanha.

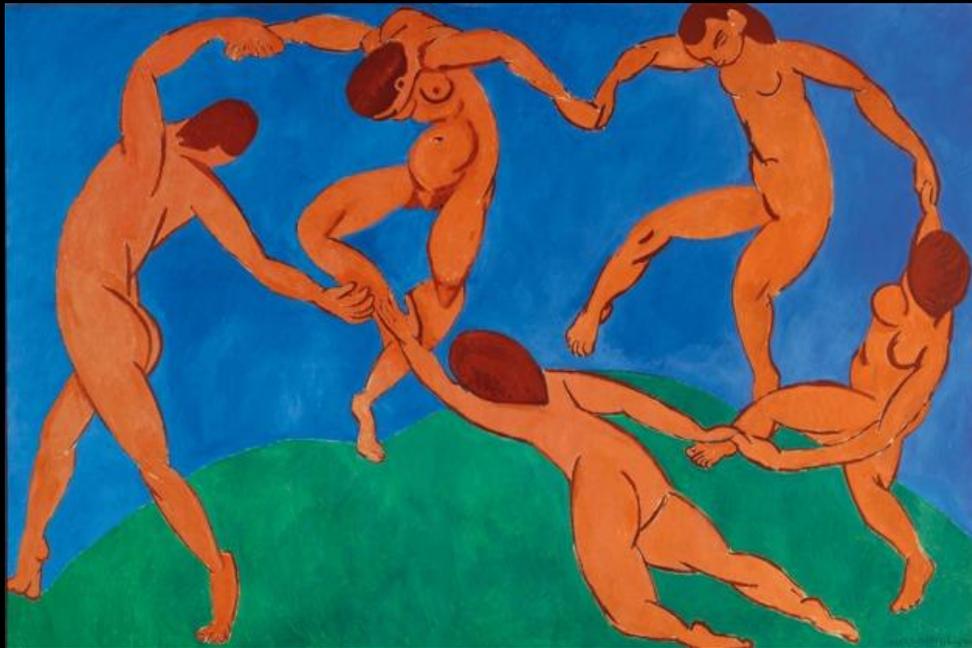


Desfiguração à francesa.

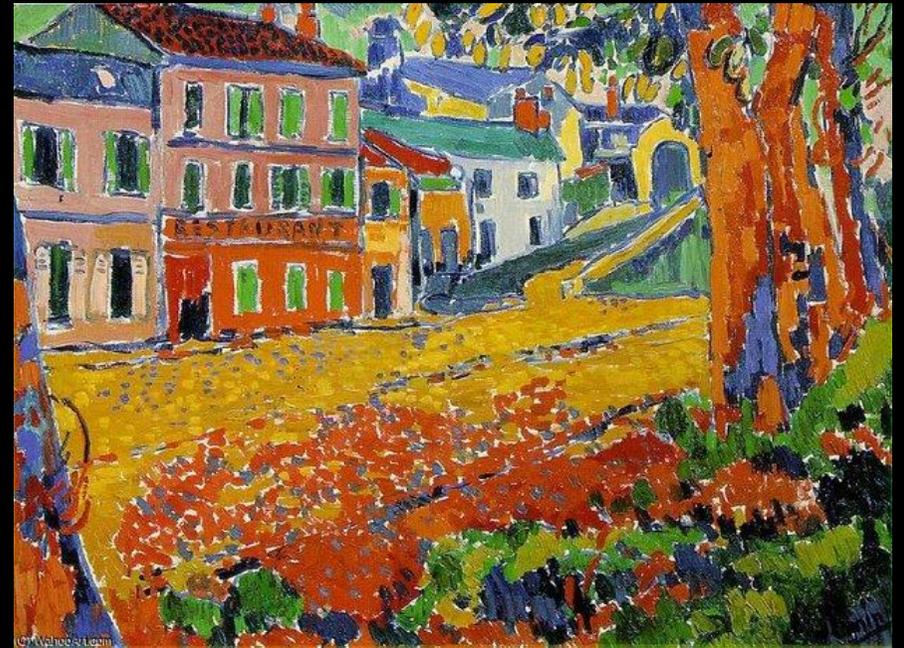
Como já dito, não foi só na Alemanha que os artistas optaram por romper com a visualidade definida pela tradição Clássica ou Neoclássica, na França esta tendência também encontra respaldo nas obras de artistas como: Henri Matisse (1869-1954); Andre Derain (1880-1954); Maurice de Vlaminck (1876-1958) e Raoul Dufy (1877-1953), entre outros.

As características de suas obras não são diferentes daquelas adotadas pelos artistas na Alemanha, portanto, o Expressionismo se revela como uma tendência internacional.

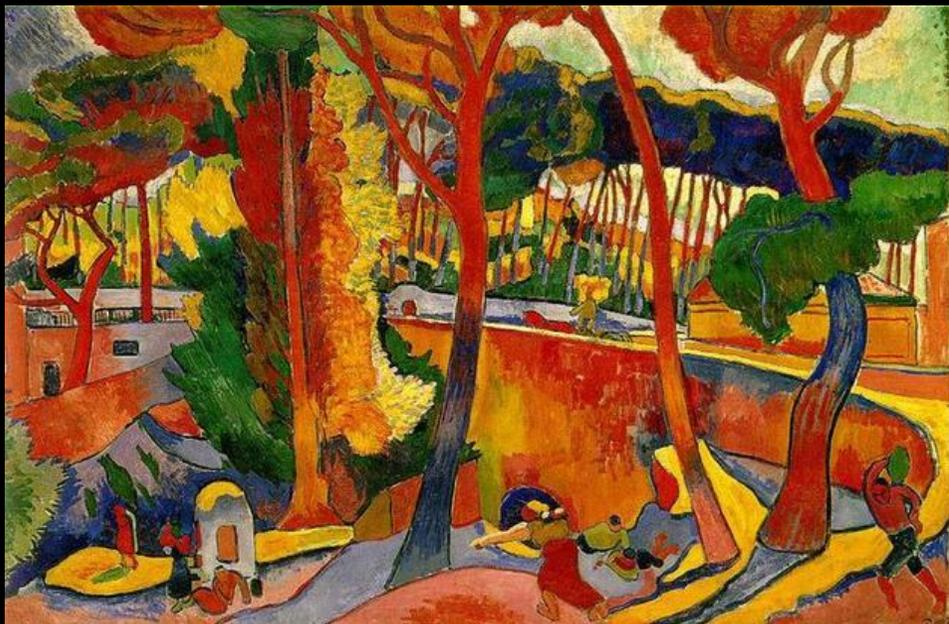
Como no Expressionismo Alemão, no Fauvismo predominam também cores puras, fortes e vibrantes (roxo, verde, amarelo, azul e vermelho); o uso das cores era arbitrário, não correspondiam ao mundo natural. As figuras e formas eram simplificadas tanto em relação à anatomia, proporções e arbitrariedade da organização espacial. Delimitando e modelando o espaço por meio de estratégias em que as referências visuais do mundo eram alteradas. As pinceladas revelam a gestualidade: intensidade e direção impondo às obras a personalidade dos artistas.



A dança (1909), de Henri Matisse.



O restaurante (1905), de Maurice de Vlaminck



Estaque (1905), de Andre Derain



Os banhistas (1907), de Raoul Dufy

No Brasil pode-se dizer que as primeiras manifestações de caráter Expressionista surgiram a partir de duas exposições em São Paulo: a primeira de Lasar Segall (1889-1957), em 1913 e a segunda de Anita Malfatti (1889-1964) em 1914. Ambas anteriores à Semana de Arte Moderna de 1922. Foram estas duas mostras que trouxeram à *terra brasilis* o que se fazia de mais recentes na Europa no início do século XX.

Segall volta à Europa e retorna ao Brasil em 1922, Malfatti também vai para o exterior e retorna em 1917 com a exposição que recebe as pesadas críticas de Monteiro Lobato.

Mais tarde outros artistas e movimentos adotaram as estratégias Expressionistas em suas proposições e assim esta tendência se expande e consolida no país. Nomes como Candido Portinari (1903-1962), Anita Malfatti (1889-1964), e Tarsila do Amaral (1886-1973), entre outros, adotam posturas semelhantes a este movimento nos primeiros anos do Modernismo no país. Esta tendência, ainda hoje, se manifesta na Arte Visual no Mundo todo. É um estilo, escola ou movimento que mais investe na individualidade e expressividade pessoal revelando a personalidade e identidade autoral. Arrisco dizer que há ainda uma tendência Neo-expressionista vigente no contexto da Arte atual



Candido Portinari.
Retirantes, 1944.



Anita Malfatti. Torso, ritmo, 1915.



Tarsila do Amaral. Abaporu, 1928.

Entendo que o Expressionismo foi, depois do Impressionismo, o maior passo para a “libertação” da forma na Arte Visual.

Antes disso, as manifestações artísticas estavam vinculadas e represadas dentro do tradicionalismo clássico decorrente da tradição greco-romana reforçada pelo Renascimento e pelo Neoclássico. Só depois do Impressionismo e, principalmente, do Expressionismo que ela pode avançar e conquistar sua liberdade conceitual e expressiva em busca de sua consolidação no Modernismo e expansão na Arte Contemporânea.

Com o Expressionismo as preocupações da Arte não eram mais as habilidades técnicas ou a capacidade de reprodução do visível, mas sim possibilitar aos artistas ousar e investir em proposições compatíveis com um novo tempo, dando-lhes a opção de intensificar suas imagens impondo a elas a afetividade e a individualidade.

O uso de cores fortes, gestos, pinceladas, traços e cortes rudes e rústicos evidenciavam a emoção em contraponto com a racionalidade.

A personalidade passa a ser um elemento de significação essencial para a compreensão da Arte Visual a partir de então.

Obviamente as manifestações que investiam na *Desfiguração* ou melhor na Não Figuração não ficaram por aqui. Continuaram avançando e expandindo em novas proposições. Nessa linha de raciocínio pode-se dizer que isto possibilitou o surgimento de uma nova Desfiguração: a *Abstração*.

A tendência Abstrata, além de quebrar a relação com o visível do mundo natural, instaura um novo modo de realização, uma nova estratégia discursiva que investiga e explora as possibilidades criativas e propositivas na qual tratam as formas, as cores, o espaço, como substâncias de expressão e, ai sim, a Arte visual está mais próxima de sua autonomia criativa.

Com isso imagens “desfiguradas” ou *não figurativas* passam a compor o rol das Obras de Arte mais significativas do fim do século XIX e início do século XX, facilitando, para o Modernismo, o desenvolvimento de novas possibilidades expressivas e novos capítulos para História da Arte.

Assim mantenho o que digo:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.